

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES: OS FANTASMAS DO ÍNTIMO
4 e 10 de Outubro de 2023

LES SOEURS BRONTË / 1979

Um filme de André Téchiné

Realização: André Téchiné / Argumento: André Téchiné e Pascal Bonitzer / Direcção de Fotografia: Bruno Nuytten / Música: Philippe Sarde / Direcção Artística: Jean-Pierre Kohut-Svelko / Guarda-Roupa: Christian Gasc / Som: Alain Curvelier / Montagem: Claudine Merlin / Interpretação: Isabelle Adjani (Emily Brontë), Isabelle Huppert (Anne Brontë), Marie-France Pisier (Charlotte Brontë), Pascal Greggory (Branwell Brontë), Patrick Magee (reverendo Brontë), Hélène Surgère (Senhora Robinson), Roland Bertin (Mr Nichols), Alice Sapritch (tia Brontë), Xavier Depraz (Mr Hager), Adrian Brine (Mr Robinson), Julian Curry (Mr Smith), Rennee Goddard (a governanta), Jean Sorel (Leyland), Roland Barthes (William Makepeace Thackeray), Pascal Bonitzer, etc.

Produção: Action Films – France 3 - Gaumont / Produtores: Yves Gasser, Klaus Hellwig e Yves Peyrot / Cópia: Digital (DCP), colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 120 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

André Téchiné tornou-se, durante os anos 80 e 90, num realizador consagrado e num nome seguro da cinematografia francesa, algures no território em que as idiosincrasias autorísticas se conciliam com o apelo popular. Rever **Les Soeurs Brontë**, filme rodado no final dos anos 70 quando Téchiné era ainda um “jovem cineasta” de trinta e poucos anos, permite ir ao encontro de um período relativamente desconhecido duma obra que se tornou entretanto – e sobretudo pelos filmes posteriores a este – bem conhecida dos espectadores contemporâneos.

Téchiné, que já tinha realizado alguns filmes, mormente **Barocco** (de 1976), capazes de atrair algumas atenções, virava-se aqui para um projecto que dificilmente terá encontrado par no seu trabalho futuro. É um filme de época (século XIX), quando Téchiné filmou quase sempre, desde então, no presente ou num passado não muito distante (os anos 60 da guerra da Argélia em **Les Roseaux Sauvages**, a II Guerra em **Les Égarés**). É um filme ambientado no estrangeiro – e não há mais “estrangeiro”, para um francês, do que a Inglaterra... - quando Téchiné praticamente sempre se centrou em França ou em universos – Marrocos, em **Loin** ou **Les Temps qui Changent** – que por mais do que uma razão parecem menos “estrangeiros” do que esta Inglaterra oitocentista. E porque, finalmente, nunca como em **Les Soeurs Brontë** Téchiné se abalçou a filmar personagens com existência verídica, muito menos personagens com a relevância histórica e simbólica das irmãs (e do irmão) Brontë.

Contando com a colaboração de Pascal Bonitzer na escrita do argumento (que também faz um “cameo”, lá para fim do filme), o projecto de Téchiné, se toca o “biopic”, ou pelo menos uma certa ideia de relato biográfico, prende-se sobretudo com a vontade de proceder a uma reflexão sobre o romantismo. Não é, nesse sentido, um filme sobre a “criação”, e está longe de ser o típico filme sobre escritores famosos. À época em que o filme estreou houve muito quem mencionasse a célebre expressão “o fogo e o gelo”, que serviu de título, nos anos 50, a um artigo de Alexandre Astruc sobre Murnau. De certa maneira, o que atrai Téchiné nesta história é a possibilidade de traçar essa aproximação entre “fogo” e “gelo”, entre a paixão mais para além da razão (aliás, é ouvir a voz off no final, que quase o explicita) e uma espécie de implacabilidade, digamos assim, do “real”. Por outro lado, encena também uma questão de “natureza” – tema romântico por excelência – bem patente na diferença da caracterização entre o irmão Brontë, Branwell, e as irmãs. Ele, que durante bastante tempo parece ser o protagonista, é o “fogo”, personagem exacerbada e consumida nos seus próprios tormentos, obsessões e paixões, personagem, diríamos, de romance. Por outro lado, as irmãs, sobretudo Emily e Anne (as mais visíveis), naquela espécie de verticalidade obstinada que ostentam, e na evidente maior capacidade de adaptação ao meio social, às suas convenções, à sua austeridade, são, mantendo esta terminologia, o “gelo” capaz de manter o “fogo” sob controlo – e por isso escrevem ou escreverão romances, “domesticam” o seu próprio fogo, coisa que Branwell se revela liminarmente incapaz de fazer.

Talvez por isso, a reconstituição – de época e de lugar – preocupa-se essencialmente em devolver uma impressão de austeridade, de onde não estão excluídas razões religiosas (o pai Brontë, interpretado pelo magnífico Patrick Magee, era um reverendo). Também se vê bem algo que esteve sempre entre os maiores talentos do cineasta francês: a capacidade para dirigir actores. Pascal Greggory é excelente de fragilidade inflamada, mas não o são menos duas das maiores actrizes francesas dos últimos trinta anos, Isabelle Adjani (Emily) e Isabelle Huppert (Anne), em registos duma absoluta interioridade.

Luís Miguel Oliveira